O sino

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

À tarde, nas ruas estreitas da grande cidade, quando o sol se punha e as nuvens brilhavam como ouro entre as chaminés, ora uma pessoa, ora outra ouvia um som estranho, semelhante ao toque de um sino de igreja. Mas só se podia ouvi-lo por um instante, porque havia tanto estrondo de carros e tanta gritaria, e isso atrapalha. “Agora toca o sino da tarde!”, diziam. “Agora o sol está se pondo!”

Quem saía da cidade, onde as casas ficavam mais afastadas umas das outras, com jardins e pequenos campos, via um céu ainda mais magnífico e ouvia muito mais forte o som do sino. Era como se viesse de uma igreja no fundo da floresta silenciosa e perfumada. As pessoas olhavam naquela direção e ficavam inteiramente solenes.

Passou-se muito tempo. Uma pessoa dizia à outra: “Será que há uma igreja lá na floresta? Esse sino tem um som tão estranho e bonito! Não deveríamos ir até lá para vê-lo mais de perto?” Os ricos iam de carro, e os pobres, a pé. Mas o caminho lhes parecia estranhamente longo. Quando chegavam a um grupo de salgueiros na borda da floresta, sentavam-se ali, olhavam para os longos galhos e acreditavam estar em pleno verde. O confeiteiro da cidade foi até lá e armou sua barraca. Depois veio outro confeiteiro, que pendurou um sino logo acima da sua. O sino era coberto de alcatrão para resistir à chuva e não tinha badalo. Ao voltar para casa, as pessoas diziam que tudo fora muito romântico, e isso significa alguma coisa inteiramente alheia à água do chá. Três pessoas garantiam que haviam entrado na floresta até onde ela terminava e que

sempre tinham ouvido aquele toque estranho, mas, para elas, parecia vir de dentro da cidade. Uma delas escreveu uma canção inteira a respeito e disse que o sino soava como a voz de uma mãe para um filho querido e inteligente. Nenhuma melodia era mais bela que o toque do sino.

O imperador do país também tomou conhecimento do assunto e prometeu que quem descobrisse de verdade de onde vinha o som receberia o título de "Sineiro do Mundo", mesmo que não se tratasse de um sino.

Muitos foram então à floresta por causa daquele bom sustento. Mas só um voltou com uma espécie de explicação. Ninguém tinha ido fundo o bastante, e ele tampouco. Mesmo assim, disse que o som vinha de uma coruja muito grande, num tronco oco. Era uma dessas corujas sábias, que batia sem parar a cabeça na árvore. Ainda não podia dizer com certeza se o som vinha da cabeça dela ou do tronco oco. Foi nomeado Sineiro do Mundo e todos os anos escrevia um pequeno tratado sobre a coruja. Mas o que se sabia continuava sendo o mesmo.

Era justamente um dia de confirmação. O pastor falara de modo tão belo e comovente, e os confirmandos tinham se emocionado muito. Era um dia importante para eles: de crianças, tornavam-se adultos de uma hora para outra. A alma infantil deveria, por assim dizer, voar para dentro de uma pessoa mais sensata. Fazia um sol maravilhoso. Os confirmandos saíram da cidade, e o grande sino desconhecido soava na floresta com uma força extraordinária. Imediatamente sentiram uma grande vontade de ir até lá, todos menos três. Uma precisava voltar para casa e experimentar seu vestido de baile: tinham sido justamente aquele vestido e aquele baile os responsáveis por ela ter sido confirmada daquela vez; do contrário, não teria participado. O segundo era um menino pobre, que pedira emprestadas a casaca de confirmação e as botas ao filho do senhorio e precisava devolvê-las numa

hora marcada. O terceiro disse que nunca ia a lugares desconhecidos sem os pais, que sempre fora uma criança bem-comportada e que continuaria a ser assim mesmo como confirmando. Não se deve zombar disso, mas eles zombaram.

Três deles, portanto, não foram. Os outros seguiram a passos largos. O sol brilhava, os pássaros cantavam, e os confirmandos cantavam junto e se davam as mãos, pois ainda não haviam recebido cargos e eram todos confirmandos diante de Nosso Senhor.

Logo, porém, dois dos menores se cansaram e voltaram para a cidade. Duas menininhas se sentaram para fazer grinaldas e também não seguiram adiante. Quando os outros chegaram aos salgueiros onde estava o confeiteiro, disseram: “Pronto, chegamos! Na verdade, esse sino nem existe. É só uma coisa que a gente imagina!”

Naquele instante, o sino soou no fundo da floresta com tanta doçura e solenidade que quatro ou cinco decidiram continuar um pouco mais. A mata era tão fechada e frondosa que custava mesmo avançar. Aspérulas e anêmonas cresciam quase altas demais; convólvulos floridos e ramos de silvas pendiam em longas grinaldas de árvore em árvore, onde o rouxinol cantava e os raios de sol brincavam. Ah, era uma bênção! Mas não era um caminho para as meninas: suas roupas ficariam em farrapos. Havia grandes blocos de rocha cobertos de musgo de todas as cores. A água fresca da fonte brotava e fazia um som estranho, como “gluc, gluc!”

“Não será esse o sino?”, disse um dos confirmandos, deitando-se para escutar. “É preciso estudar isso a fundo!” Ficou ali e deixou os outros seguirem.

Chegaram a uma casa feita de cascas de árvore e galhos. Uma grande macieira silvestre se inclinava sobre ela, como se quisesse derramar toda a sua bênção

sobre o telhado, que florescia de rosas. Os longos galhos se estendiam pela empena, e nela pendia um pequeno sino. Seria aquele que tinham ouvido? Sim, todos concordaram, menos um. Ele disse que o sino era pequeno e delicado demais para ser ouvido de tão longe e que eram notas bem diferentes as que tocavam assim um coração humano. Quem falava era um filho de rei. Então os outros disseram: “Gente assim sempre quer saber mais que os outros.”

Deixaram-no seguir sozinho. Quanto mais avançava, mais seu peito se enchia da solidão da floresta. Ainda ouvia, porém, o pequeno sino que satisfizera tanto os outros e, de vez em quando, quando o vento vinha do confeiteiro, também podia ouvir as canções que acompanhavam o chá. Mas as badaladas profundas soavam mais fortes. Parecia que um órgão as acompanhava. O som vinha da esquerda, do lado onde fica o coração.

Houve um ruído no arbusto, e diante do filho do rei apareceu um menino de tamancos, com uma jaqueta tão curta que se podia ver muito bem como seus pulsos eram compridos. Os dois se conheciam. Era justamente o confirmando que não pudera acompanhá-los porque precisava voltar para casa e devolver a jaqueta e as botas ao filho do senhorio. Já o fizera e agora saíra sozinho, de tamancos e roupas pobres, porque o sino soava tão forte e tão profundo que precisava ir até lá.

“Então podemos ir juntos!”, disse o filho do rei. Mas o pobre confirmando de tamancos estava muito acanhado. Puxou as mangas curtas da jaqueta e disse que receava não conseguir acompanhá-lo com a mesma rapidez. Além disso, achava que era preciso procurar o sino à direita, pois aquele era o lugar de tudo o que era grande e magnífico.

“Então não vamos nos encontrar!”, disse o filho do rei, acenando para o menino pobre. Este entrou na parte mais escura e fechada da floresta, onde os espinhos rasgaram suas roupas pobres e feriram seu rosto, suas mãos e seus pés até sangrarem. O filho do rei também ganhou uns bons arranhões, mas o sol iluminava seu caminho. É ele que vamos acompanhar agora, pois era um rapaz decidido.

“Quero e preciso encontrar o sino!”, disse ele. “Mesmo que tenha de ir até o fim do mundo!”

Os macacos repugnantes estavam no alto das árvores e riam, mostrando todos os dentes. “Vamos atirar coisas nele!”, diziam. “Vamos atirar coisas nele! É um filho de rei!”

Mas ele seguiu sem desanimar, cada vez mais fundo na floresta, onde cresciam as flores mais extraordinárias. Havia lírios brancos estrelados, com estames vermelhos como sangue; tulipas azul-celeste, que cintilavam ao vento; e macieiras cujas maçãs pareciam, exatamente, grandes e reluzentes bolhas de sabão. Imagine como aquelas árvores deviam resplandecer ao sol! Ao redor dos mais belos prados verdes, onde cervos e corças brincavam na relva, cresciam magníficos carvalhos e faias. Se a casca de uma árvore se rachava, ali cresciam erva e longas ramas. Havia também grandes extensões de floresta com lagos tranquilos, nos quais cisnes brancos nadavam e batiam as asas. O filho do rei parava muitas vezes para escutar. Frequentemente pensava que o sino soava para ele das profundezas de um daqueles lagos. Depois percebia que não vinha dali, mas de um lugar ainda mais fundo na floresta.

O sol se punha. O ar brilhava vermelho como fogo, e a floresta ficava tão silenciosa, tão silenciosa! Ele caiu de joelhos, cantou seu salmo da tarde e disse: “Nunca encontrarei o que procuro! Agora o sol se põe, agora vem a

noite, a noite escura. Talvez eu ainda possa ver uma vez o sol redondo e vermelho, antes que desapareça inteiramente atrás da terra. Vou subir naquelas rochas, que se erguem à altura das maiores árvores."

Agarrou-se às ramas e às raízes e escalou as pedras molhadas, onde serpentes-d'água se enroscavam e o sapo parecia latir para ele. Mas chegou ao alto antes que o sol se tivesse posto inteiramente, visto daquela altura. Ah, que esplendor! O mar, o grande e magnífico mar que lançava suas longas ondas contra a costa, estendia-se diante dele. O sol parecia um grande altar reluzente, lá onde o mar e o céu se encontravam. Tudo se fundia em cores ardentes; a floresta cantava, o mar cantava, e seu coração cantava junto. Toda a natureza era uma grande igreja sagrada, na qual as árvores e as nuvens flutuantes eram as colunas, as flores e a relva, o tecido de veludo, e o próprio céu, a grande cúpula. Lá em cima, as cores vermelhas se apagaram quando o sol desapareceu. Mas milhões de estrelas se acenderam, milhões de lâmpadas de diamante brilharam, e o filho do rei abriu os braços para o céu, para o mar e para a floresta. Naquele mesmo instante, pelo corredor da direita, chegou o pobre confirmando de mangas curtas e tamancos. Havia chegado tão cedo quanto ele, pelo seu próprio caminho. Correram um ao encontro do outro e se deram as mãos na grande igreja da Natureza e da Poesia. Acima deles soava o sino invisível e sagrado; espíritos bem-aventurados dançavam ao seu redor, num jubiloso aleluia.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
Revisão: Codex · revisão independente por IA
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-sino